

14/08/2019 - 05:00

O pânico da superpotência América

Por **Bradford DeLong**

As superpotências mundiais sempre tiveram dificuldade para admitir seu declínio relativo e em lidar com desafiantes em rápida ascensão. Hoje, os Estados Unidos se encontram nesta situação em relação à China. Um século e meio atrás, o império britânico enfrentou uma ameaça competitiva parecida da América. E no século XVII, a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos era a superpotência e a Inglaterra a desafiante.



A história sugere que a superpotência mundial deve procurar uma aterrissagem suave, inclusive colaborando com seu provável sucessor, para que ainda tenha um lugar confortável no mundo assim que seu domínio esmorecer. Infelizmente, o presidente dos EUA, Donald Trump, não é um historiador. E sua postura incoerente e confrontadora em relação à China poderá prejudicar seriamente os interesses de longo prazo da América.

Assim como o Reino Unido e a República dos Países Baixos antes dele, a América é a potência militar dominante do planeta e seu alcance é global. Ela tem algumas das indústrias mais produtivas do mundo e domina o comércio e as finanças mundiais.

Mas, assim como seus antecessores, a América agora enfrenta uma potência em ascensão - um país confiante e ambicioso e que tem uma população maior, tem fome de riqueza e significância global e acredita que seu destino é suplantando o poder hegemônico atual. E, a menos que algo dê muito errado, a contínua ascensão do desafiante está assegurada.

Inevitavelmente, conflitos surgirão. A superpotência promissora quer mais acesso aos mercados e à propriedade intelectual do que a potência estabelecida está disposta a proporcionar. E o que a potência estabelecida não está disposta a dar, sua desafiante vai tentar tomar. Além disso, a superpotência ascendente quer ter um grau de influência sobre os organismos internacionais proporcional ao poder que ela terá dentro de uma geração, e não ao que tem hoje.

Esses ingredientes são todos legítimos e as duas potências precisam administrá-los avançando e defendendo seus respectivos interesses. Mas essas tensões não sobrepujam o interesse comum dos dois países em relação à paz e a prosperidade.

Então, o que a potência hegemônica deveria fazer?

No caso anglo-holandês, uma série de conflitos comerciais e guerras navais nos anos de 1600 levaram a um número notavelmente grande de expressões depreciativas que entraram para o idioma inglês, como Dutch book [livro holandês: em economia, uma sequência de negócios que deixa uma parte em situação muito melhor e a outra em situação muito pior], Dutch concert [concerto holandês: um concerto em que todos os cantores cantam músicas diferentes ao mesmo tempo, balbúrdia], Dutch courage [coragem holandesa: coragem obtida após a ingestão de bebidas alcoólicas], Dutch leave [sair à holandesa: sair sem se despedir], Dutch metal [metal holandês: usado no sentido de imitação], Dutch nightingale [rouxinol holandês: uma calúnia ao povo holandês que o compara ao coaxar de um sapo, tendo do outro lado o rouxinol], e Dutch reckoning [cálculo holandês: avaliação incorreta de posição, trapaça em cobranças]. No longo prazo, porém, os pontos fortes fundamentais do Reino Unido mostraram ser decisivos e o país se tornou uma potência mundial. Mesmo assim, os Países Baixos criaram um mundo que lhes proporcionou um grande conforto por muito tempo após o fim de seu domínio.

Em vez de formar alianças para conter a China, Trump continua fazendo exigências aleatórias e incoerentes. Em vez de jogar com cuidado o jogo prolongado com a China, Trump parece estar entrando em pânico. E a China e o mundo sabem disso

A mudança de posição dos Países Baixos, de oposição ao Reino Unido para uma colaboração com ele, foi um fator crucial nessa transição. Em 24 de outubro de 1688, uma mudança na direção do vento permitiu à esquadra dos Países Baixos deixar os portos em apoio à facção aristocrática Whig na Inglaterra, encerrando assim a pretensa dinastia absolutista Stuart. Desde então os interesses conjuntos das duas potências no governo limitado, na prosperidade mercantil e no anticatolicismo formaram a base de uma aliança durável em que os Países Baixos passaram a ser o parceiro menor. Ou, como melhor colocado por uma frase viral dos anos de 1700, não haveria "nem papismo, nem tamancos!" - o último sendo um símbolo contemporâneo da pobreza francesa. E com o apoio britânico, os Países Baixos continuaram independentes, em vez de caírem involuntariamente sob controle francês.

Mais de um século mais tarde, o império Britânico acabou adotando uma estratégia parecida de colaboração e cooperação com a América. Isso culminou, conforme afirmou imprudentemente Harold Macmillan (por ter dito de uma forma muito aberta) quando apoiava o general Eisenhower no norte da África, durante a Segunda Guerra Mundial, que o Reino Unido estava desempenhando o papel da Grécia, enquanto os EUA eram Roma. Como resultado, os EUA tornaram-se o aliado geopolítico mais importante do Reino Unido no século XX.

Hoje, os formuladores de políticas dos EUA poderiam aprender muita coisa estudando as ações da República dos Países Baixos e do Reino Unido, quando eles eram superpotências mundiais em busca de aterrissagens suaves. Além disso, eles deveriam ler "As fontes da conduta soviética", o artigo escrito em 1947 pelo diplomata americano George F. Kennan que defendeu uma política americana de contenção em relação à União Soviética.

Três dos pontos de Kennan se destacam. Primeiro, ele escreveu que os formuladores de políticas dos EUA não deveriam entrar em pânico, e sim reconhecer a essência do jogo prolongado e jogá-lo. Segundo, a América não deveria tentar conter unilateralmente a União Soviética, mas sim reunir alianças amplas para confrontá-la, resistir, e impor sanções. Terceiro, a América deveria se transformar no melhor de sua essência, porque enquanto a disputa entre os sistemas americano e soviético continuasse pacífica, a liberdade e a prosperidade acabariam sendo decisivas.

Mas desde que assumiu em janeiro de 2017, Trump vem dedicadamente ignorando esse conselho. Em vez de formar alianças para conter a China, Trump retirou os EUA da Parceria Transpacífico. E ele continua fazendo exigências aleatórias e incoerentes - como a eliminação imediata do déficit comercial dos EUA com a China.

Em vez de jogar com cuidado o jogo prolongado com a China, Trump parece estar entrando em pânico. E, cada vez mais, a China e o mundo sabem disso. **(Tradução de Mario Zamarian)**

J. Bradford DeLong é ex-secretário adjunto do Tesouro dos EUA, professor de economia na Universidade da Califórnia em Berkeley e pesquisador associado do National Bureau of Economic Research. Copyright: Project Syndicate, 2019.

www.project-syndicate.org